

Resenha: A MENTE DESCONHECIDA

Resenhista: Colandi Carvalho de Oliveira, Mestre em Psicologia.
www.neuropedagogia.com.br

1. Referência Bibliográfica: HORGAN, John. *A mente desconhecida. Porque a ciência não consegue replicar, medicar e explicar o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Título original: *The Undiscovered Mind*).

1.1. Dados do autor: Norte-americano, um dos mais influentes jornalistas de divulgação científica da atualidade, publicou várias obras e recebeu inúmeros prêmios. Sua obra mais polêmica é *O Fim da Ciência* com a qual desencadeou numerosas polêmicas sobre os limites do conhecimento em campos como a física, a biologia, a cosmologia e as neurociências. Como complementação a esse último tema, escreveu a presente obra.

1.2. Assunto eixo: Explicar o funcionamento da mente humana e dos métodos de tratar suas disfunções.

1.3. Relativizações: o livro pode ser visto como uma discussão sobre os limites do conhecimento na área psicológica e da saúde mental; pode ser considerado, também, uma visão do jogo triádico entre as várias teorias (principalmente entre biólogos-objetivistas e psiquiatras-subjetivistas) que tentam explicar a mente humana assim como as tentativas de tratar os distúrbios mentais, e até aqueles que crêem poder criar máquinas replicadoras das propriedades da mente humana para criar um pós-homem, um “noóide”.

2. Resumo da obra:

O que é a vida mental? Na tentativa de obter uma resposta, o autor divide a obra em 8 grandes capítulos.

Na introdução, *I-witnessing* (inclusão de depoimentos pessoais), inicia levantando questões sobre os limites da objetividade e da provisoriedade das ciências cartesianas, futurizando que os cientistas que tentarem explicar a mente humana podem ser esmagados pela colossal complexidade de seu tema.

Em seu livro anterior, *O Fim da Ciência*, constatou a insuficiência da abordagem da ciência, com relação à mente e, principalmente, com relação à consciência, o mais inescapável e misterioso dos fenômenos mentais. Cita várias teorias da natureza humana “biológica” como a frenologia (teoria das localizações cerebrais do caráter por observação da forma do crânio e do rosto), a sociobiologia (teoria darwinista da convivência de “enxames” de insetos ou humanos) e a psicanálise como “subjetivista e muitas outras; destaca e rotula a psicanálise, como uma teoria “paracientífica”, e como um exemplo de sobrevivência de tais teorias por falta de outras mais “científicas”. Esclarece que tais teorias da mente como as anteriores nunca morrem: elas reaparecem com novas roupagens. Denuncia a belicosidade entre os diferentes subgrupos das ciências da mente, uns competindo e falando mal dos outros, mesmo dentro de uma mesma escola teórica (o autor desconhece o jogo triádico). Ele se pergunta: quanto a ciência da mente avançará no futuro, considerando o pouco que progrediu até hoje?

Capítulo 1: A lacuna Explicativa da Neurociência

A lacuna explicativa é a incapacidade das teorias biológicas/fisiológicas para explicar fenômenos psicológicos/mentais, reservando, para as neurociências, a probabilidade de preenchê-la.

Cita cientistas da área que entrevistou, como Torsten Wiesel, prêmio Nobel em 1981, que declarou: “Estamos nos primórdios da ciência do cérebro”. Anuncia a

tendência atual da neurociência: a especialização e localização das funções cerebrais, já preconizadas pelos irmãos Gall, com a frenologia. No entanto, este esforço localizacionista foi muito longe: sabe-se que as partes do cérebro são claramente interligadas, mas pouco se avançou para se entender as conexões neurais. Rodolfo Llinás, neurocientista colombiano, critica tal postura. Imperioso se torna saber como o cérebro coordena e integra o funcionamento de suas partes altamente especializadas para criar a aparente unidade da percepção e pensamento que constitui a mente. David Hubel, de Harvard, e Torsten Wiesel, denominaram tal problema de “ligação”, que o autor chama de dilema de *Humpty Dumpty*: os cientistas da mente são excelentes para desmontar o cérebro, mas não tem a mínima idéia de como tornar a montá-lo.

A neurocientista Patrícia Goldman-Rakic, que se auto-intitula - neurocientista de sistemas - tenta resolver tal problema em Yale, onde trabalha sobre o que ela chama de “memória de trabalho”, que seria semelhante à memória RAM dos computadores. Muitos neurocientistas acreditam que uma melhor compreensão desta memória ajudará a resolver mistérios como: livre-arbítrio, consciência e esquizofrenia. Aponta também para a questão de como a emoção se encaixa neste quebra-cabeça. Busca J. Le Doux para corroborar tal questão; autor do livro *The Emotional Brain* (1996) escreve que “a ciência cognitiva deixa as emoções de fora, e mentes sem emoções não são mentes”. Ensina que, explicar a consciência não responderia à pergunta básica: como o nosso cérebro nos faz ser o que somos. A chave está em como a natureza e a educação familiar-escolar-ambiental afetam as conexões cerebrais.

Um obstáculo ao progresso da neurociência é a imensa variabilidade de cérebros e mentes. Cita pesquisas com pacientes de lesão cerebral (um deles foi tão famoso que ganhou o nome do paciente: neurociência gageana (de Phineas Gage), algumas insistindo na localização das funções cerebrais ou modulares e outras insistindo que se trata de uma massa indiferenciada, dinamizada por uma alma, o que se aproxima da visão holística/espiritualista. Para discutir a tese da hemisferização do cérebro primitivo, cita Roger Sperry e seu enfoque diádico (após seccionar o corpo caloso de pacientes epiléticos e fazer experiências sobre as funções de cada hemisfério separado).

A década de 60, com a ascensão da psicofarmacologia, trouxe a esperança de que os distúrbios mentais pudessem ser totalmente explicados em bases bioquímicas: daí o Prozac e similares. Fala das dificuldades criadas pelo divórcio entre neurociência e psicologia: enquanto aquela avança, a psicologia não sabe como aplicar e potencializar seus resultados. Inicia uma das muitas apresentações que faz da psicanálise, uma das teorias que sobreviveu ao seu inventor de modo ainda não ultrapassado e convoca Eric Kandel, um fervoroso freudiano, para testemunhar. Este foi estudioso da memória e pioneiro das pesquisas sobre bases moleculares. Conserva a esperança de que as teorias de Freud, um dia sejam fundamentadas pela neurociência. Para Kandel, o cérebro não espelha o mundo como uma filmadora; ele decompõe a imagem em frequências que criam fragmentos de sensações que finalmente se arrumam para recompor a imagem como num quebra-cabeças. Ressalta que, mesmo que as pesquisas não consigam demonstrar que a psicanálise funciona, ele persistirá como uma perspectiva humana e muito rica sobre a mente. Para ele a psicanálise funciona, o problema é comprovar isso cientificamente. Aí se pergunta: **Porque Freud não está morto**, tema e objeto do capítulo seguinte.

Capítulo 2: Por que Freud não Está Morto

Começa relatando um encontro de uns 400 psicanalistas, em 1996, onde se debatia o futuro da psicanálise, com ataques e defesas ao Freudismo. Conclui que a psicanálise ainda está ativa porque a ciência tem sido incapaz de propor uma teoria e uma terapia superiores para a mente, na percepção de Richard Webster em sua obra: *Porque Freud Errou* (1995).

No entanto, permanecem algumas objeções à psicanálise: uma delas é o fato de ela ser infinitamente flexível: pode explicar quase tudo; a outra se refere aos seus métodos para reunir indícios clínicos (quase só relatos da mente “deteriorada” dos próprios pacientes). Outra objeção forte é a visão freudiana (desmerecedora ou preconceituosa) sobre a mulher. Sara Vaughan, psiquiatra e psicanalista de Nova York, chegou a admitir que apesar das falhas, Freud foi um “gênio”, cujas descobertas são, hoje, mais compreensíveis, graças ao que aprendemos a respeito do cérebro. Pesquisas foram feitas, artigos e livros escritos ora para corroborar ora para refutar a psicanálise. Dentre esses, vale citar uma análise de mais de 1800 estudos publicados ao longo de sessenta anos, que ressaltam que a psicologia freudiana é, muitas vezes, vista como uma entidade monolítica que tem de ser aceita ou rejeitada em sua totalidade.

Um dos estudiosos mais céticos com relação à psicanálise é Frederick Crews, professor da UCLA, que começou seu bombardeio nos idos de 1970. Combate a psicanálise pela falta de rigor científico; acusou Freud de desonestidade e covardia; exemplifica com a terapia da recuperação da memória ou terapia da falsa memória (de infância), e com a teoria da sedução dos filhos pelos pais ou dos pais pelos filhos, tese rejeitada depois pelo próprio Freud. Robert Michels, da universidade de Cornell vem em defesa e afirma que como psiquiatra, para ele não tinha importância se a psicanálise fora ou não cientificamente legitimada: sua única preocupação era com o bem-estar de seus pacientes. Ele sabia, por experiência própria, que a psicanálise ajudava os pacientes, e isto lhe bastava. Cita a frase de Greenberg e Fisher - que nenhuma teoria psicológica foi adequadamente testada, incluindo aí a psiquiatria biológica, a genética comportamental e a própria psicologia evolutiva. Na opinião de Hyman, psiquiatra e neurocientista de Harvard, todas estas abordagens são (necessariamente) deficientes: entender como o cérebro humano funciona e como as coisas não dão certo, é a tarefa mais difícil a que a humanidade já se propôs.

No tópico - Freud, o autor - mantém as críticas à psicanálise, mas recupera a imagem de Freud como autor de idéias inusitadas, como literato com grande poder de persuasão e com uma obra que descreve a totalidade da natureza humana. Paul Gray, crítico literário da *New York Times*, apesar das críticas que atribui ao divã, afirma que Freud conseguiu criar um edifício intelectual que parece mais próximo da experiência de viver e, portanto, de se ferir, que qualquer outro sistema em uso.

Howard Gardner, o das inteligências múltiplas, critica a psicanálise, afirmando que ela está morta apesar de Freud ter tido uma percepção profundamente intuitiva. Estende sua crítica à psicologia: se me perguntarem quais as verdades permanentes que a psicologia reuniu nestes últimos cem anos, direi que não são muitas. Cita a ciência cognitiva, a neurociência, a psicologia social e aplicada, sendo que nenhuma delas resolveu satisfatoriamente o problema da mente. Sua principal ressalva a todas elas é que as abordagens científicas não melhoraram nossa compreensão dos temas centrais da psicologia: a consciência, o self, o livre arbítrio e a personalidade das pessoas. Para John Horgan, o culto a Freud representa um perigo menor do que o culto ao Prozac, ao DNA e ao computador (pg. 98).

Capítulo 3: A psicoterapia e a hipótese Dodô

Divide as terapias em três amplas categorias:

- Terapias psicodinâmicas, entre elas a psicanálise;
- Terapias comportamentais, também conhecidas como terapias cognitivas;
- Terapias experienciais, numa perspectiva mais filosófica ou espiritual.

Num estudo comparativo entre várias terapias (mais de 450 terapias diferentes nos anos 80) nenhuma delas se sobressaiu e todos os pacientes que faziam terapia, em geral se saíam melhor dos que não a faziam. Daí a hipótese Dodô (de *Alice no País das Maravilhas*): Todo mundo ganhou e todos devem ser premiados. Já nos anos 90, caiu muito o número de pacientes psicoterapeutizados. Isto decorreu devido ao seguro da medicina institucionalizada que parou de cobrir a psicanálise, e ao uso de drogas como o Prozac.

Num item denominado *auto-avaliação da psicanálise*, fala da dificuldade de definir o êxito terapêutico. Um estudo feito com mais de seiscentos pacientes psicanalisados, no ano de 1991, as conclusões são: 60% a 90% dos pacientes, apresentaram melhoras significativas. Questionadores da psicanálise, no entanto, denunciam falhas neste estudo, alegando a “cura natural” que acontece com o passar do tempo (com ou sem terapia). Outro pesquisador foi Eysenck (alemão residente na Inglaterra) que apresentou resultados controversos em suas pesquisas. Era hostil para com Freud e defensor das teorias alternativas da natureza humana. Foi um dos primeiros a defender a idéia racista de que os resultados relativamente baixos dos negros, em testes de QI, tinham uma base genética. Luborsky, que coordenou uma das pesquisas contrárias ao freudismo, cunhou a expressão: “efeito lealdade” para indicar a tendência dos pesquisadores encontrarem indícios favoráveis à terapia que praticam ou preferem.

Crews continua seu ataque à psicanálise e todas as terapias acusando-as de “efeito placebo”, com o que concorda A. Shapiro, psiquiatra, autoridade em efeitos placebos. Comparou a psicoterapia com a poção medieval teriaga (tipo “chá de sete ervas com casca de cobra e asa de morcego”...). Jerome Frank endossa esta visão. Afirmou que o fator mais importante é a habilidade do terapeuta para persuadir os pacientes de que eles melhorarão. Afirmou ainda que a psicanálise deveria ser considerada não um ramo da ciência mas da retórica (ou arte da sugestão). Comenta o autor: para alguns pacientes “a fé na ciência parece ser a fonte predominante do poder de cura pela palavra”. Muita gente, no entanto, prefere recorrer a mitologias. Faz uma breve referência às terapias imediatistas ou breves, entre elas a terapia cognitiva-comportamental, diagnosticando também seu resultado positivo, maculado pelo efeito lealdade. Critica ainda o mito da especialização, comprovando, através de várias pesquisas, que os psiquiatras formados em medicina e psicólogos com doutorado não são melhores que outros terapeutas menos qualificados.

No final, relata a visita que fez ao museu de um hospital psiquiátrico de N.Y, onde, em conversa com o psicólogo Christenfeld, este relata sua profunda desilusão com os profissionais de saúde mental (pág. 127). Este psicólogo também não era fã da psicanálise e dizia ser ela uma quase-religião, o mesmo podendo-se dizer da psiquiatria de bases biológicas. Foi-lhe perguntado se o advento das drogas, na década de 50, não foi uma mudança significativa no tratamento da saúde mental, criando outra panacéia: a psicofarmacologia.

Capítulo 4: O Prozac e Outros Placebos.

Enumera, neste capítulo, várias modalidades de cura, e a disputa entre elas. Relembra a terapia eletroconvulsiva (por eletrochoque) e a lobotomia, classificando a última como o mais famigerado dos tratamentos biológicos. Fala do alívio que os psiquiatras sentiram, por volta da década de 50, quando foram descobertos os medicamentos que pareciam aliviar as doenças mentais, fato já previsto por Freud.

O mais conhecido dos medicamentos é o Prozac. Houve, no entanto, muitos processos contra os laboratórios, o que não reduziu os neuromoduladores. O mercado destas drogas está crescendo 50% ao ano nos EE.UU. O mais hábil divulgador do Prozac, Peter Kramer, escreveu um livro chamado: Ouvindo o Prozac. Foi acusado de desencadear uma epidemia do Prozac, ao que respondeu dizendo que Freud desencadeou uma epidemia de psicanálise. Acusado de não ser mais eficiente para tratar dos distúrbios emocionais do que outros antidepressivos, o fabricante do Prozac encomendou uma pesquisa que concluiu que a droga gera menos efeitos colaterais que outras, apesar de ser pequena a diferença.

Reafirmando a hipótese Dodô, diz que, psicoterapia e drogas produzem resultados aproximadamente comparáveis, conclusão esta corroborada por um rigoroso estudo sobre depressão, realizado em fins dos anos 70, com 239 pacientes deprimidos, pelo **National Institute of Mental Health (NIMH)**. Outra conclusão é que as psicoterapias e as drogas dão melhor resultado quando usadas em conjunto.

Uma das críticas às drogas é que sua aplicação causa muitos efeitos colaterais: secura da boca, constipação e disfunção sexual. Quanto ao lítio, chamada de “droga milagrosa”, sua aplicação foi contestada por Greenberg e Fisher, em Syracuse, que afirmam que seus benefícios são pouco superiores aos do placebo. Adiantam que o efeito placebo pode ser responsável por boa parte dos resultados benéficos da psicofarmacologia.

O advento das drogas contribuiu, inicialmente, para o declínio das terapias de choque e, posteriormente, suas limitações possibilitaram a revivescência das mesmas. A ECT como é conhecida a terapia eletroconvulsiva, foi reentronizada nos EE.UU. em 1990. Um de seus reabilitadores foi Harold Sackheim. Segundo ele, a ECT tem um efeito calmante sobre o cérebro. No entanto, afirma que menos de 8% dos pacientes típicos tratados com a ECT melhoram e se mantêm sem intervenções adicionais. As duas terapias começaram a declinar com os informes de que os genes são a força principal que molda a mente humana. Começaram aí as terapias genéticas.

Cap 5: Ciência Genética Empolgante

Fala dos estudos sobre as doenças hereditárias, como a síndrome de Down e a Tay-Sachs, e o teste genético que os cientistas elaboraram para detectar portadores, saudado como um grande avanço científico. Acabou, no entanto, decepcionando-se com a genética, frente à lacuna entre os grandiosos discursos de seus propositores e seus pífios resultados. Exemplifica com o projeto Genoma Humano, da Univ. de Harvard que visava mapear aproximadamente 100 mil genes que compõem um ser humano. Sobre ele, um de seus diretores afirmou: “Outrora achávamos que nossos destinos estavam nos astros. Hoje sabemos, em boa medida, que nosso destino está nos genes” (pág. 183). Outro exemplo clássico é o caso dos gêmeos de Minnesota; ali foram estudados mais de 50 pares de gêmeos idênticos, separados ao nascer e criados em lares diferentes. Concluiu-se que os pais, a educação e outros fatores do ambiente têm pouco efeito sobre o que somos. O jornalista Lawrence Wright, adepto desta visão, escreveu em 1997: nossa vida parece pré-escolhida; tudo o que temos a fazer é representar (como num filme) o roteiro escrito em nossos genes. Descobriram-

se, depois, muitos vieses nestes estudos, quase todos financiados por entidades racistas (pág. 190). Houve muito investimento na tese geneticista (um gene responsável para cada doença ou característica comportamental) para explicar os genes da esquizofrenia, da doença maniaco-depressiva e de tudo mais. Mas ao final se concluiu que tudo surge de uma interação complexa entre muitos genes e muitos fatores ambientais. Outras explicações, como afirmar que a esquizofrenia é causada por um vírus, ou que a depressão é causada pelo vírus de Borna, refletem o fracasso do paradigma genético. Relacionou-se, também, o alcoolismo com a hereditariedade, do gene D2, hipótese esta descartada posteriormente. Deam Hamer, empenhado em promover as teorias genéticas, indicou um marcador genético no cromossomo X que contribuiria para o homossexualismo masculino, a partir de um estudo feito em 40 pares de irmãos homossexuais, com 82% de identificação. Outro estudo feito pelo mesmo grupo rejeitou a hipótese.

Quanto à determinação genética da inteligência, Cyril Burt, psicólogo inglês, fez um estudo longitudinal de 53 pares de gêmeos, publicando os resultados em 1966. Constatou que: a herdabilidade da inteligência era de quase 80%; Bernie Devlin, da Universidade de Pittsburgh, apresentou dados mostrando que este percentual é de 34% apenas. Em 1994, Charles Murray e Richard Herrnstein lançaram *The Bell Curve*, mostrando que a estratificação econômica da sociedade americana reflete diferenças na capacidade intelectual, ou seja: o negro é pobre porque teria inteligência inferior aos brancos. Racistas...

O autor critica tal teoria perguntando-se: Por que, com tantas necessidades e problemas que tem o mundo, os cientistas cogitam questões como essas...Toma emprestado de Chomsky a resposta: “porque são racistas, sexistas e companhia”...

Em 1995, James Flynn, na Nova Zelândia, demonstrou que os testes de QI eram sensíveis às influências de fatores não genéticos (para o tipo de inteligência medida pelos testes de QI). Sabe-se hoje que a construção do cérebro é diferente a cada geração.

Robert Plomin, psiquiatra londrino, uma voz mais moderada nesta área, afirmava em 1998 que o debate entre natureza e educação pendeu, em demasia, para o lado da natureza. Das suas tentativas de encontrar um gene responsável de uma inteligência elevada, conclui que existe um gene, no cromossomo 6, presente no QI elevado de um grupo de 27 crianças; no entanto, afirma, o efeito que ele aparentemente produz é ínfimo. Nem isso impede que o caçador de genes, Dean Hamer, continue retratando o campo da genética comportamental exageradamente. A revista *Nature* publicou, em 1998, um informe de French Anderson, terapeuta genético, que afirma não existirem, ainda, indícios conclusivos de que um protocolo de terapia genética tenha sido bem sucedido no tratamento de uma doença. Busca as teses de Jerome Kagan, famoso professor de psicologia de Havard que migrou de uma postura totalmente ambientalista para uma mais integradora. Afirmava que todo biólogo competente sabe que natureza e educação se interligam tão fortemente que não podem ser separadas com facilidade. Ressalta que o modo de criação/educação tanto pode debilitar como fortalecer uma característica herdada.

Encerra o capítulo discutindo as premissas da psicologia evolucionista, que segue a trilha de Darwin. Explica a psique humana como um conjunto de adaptações engendradas pela seleção natural durante o passado primordial de nossos ancestrais. Afirmava que a genética comportamental está interessada nas características que os humanos têm em comum enquanto a psicologia evolucionista enfoca as características que distinguem os indivíduos uns dos outros. Os geneticistas tentam se desvencilhar

das teses mais condenáveis do darwinismo social já que estas não podem ainda oferecer nenhuma explicação abrangente da complexidade da natureza humana.

Capítulo 6: Socorro, Darwin!

Na década de 90, a teoria evolucionista, como um vírus agressivo, começou a alastrar-se pelas ciências sociais. Cita a HBES – Sociedade “Comportamento Humano e Evolução”, fundada em 1988. O autor esteve presente num dos encontros anuais da Sociedade em Santa Bárbara, onde o tema dominante foi o sexo (dentro e fora das conferências), e a maneira mais fácil de atrair os aplausos da platéia era falar mal do determinismo cultural (homem como fruto do meio e não da genética). O autor se viu obrigado a concordar com a premissa básica deles (depois de tudo que presenciou): “somos todos animais, descendemos de uma longa linhagem de sobreviventes, saídos da espuma do lago primordial. Nossos cérebros foram formados durante as centenas de milhares de anos que precederam o surgimento da civilização”. Pergunta-se: quanto, exatamente, a teoria darwinista pode explicar sobre nossa mente moderna, complexa e impregnada de cultura?

O casal Leda Cosmides e John Tooby, grandes promotores da ciência social neo-darwinista, fundaram, em 1994, o Centro de Psicologia Evolucionista da Univ. da Califórnia. Segundo eles, a teoria darwinista pode oferecer a estrutura fundamentalmente necessária à psicologia, à antropologia e a outras ciências sociais que estão desorientadas. Para eles, a mente consiste em numerosos módulos que tem uma base inata e que foram estruturados pela seleção natural. Como bons evolucionistas, acreditam que todos os seres humanos nascem essencialmente com a mesma dotação genética. A despeito de suas divergências, os dois mantêm uma fé inabalável na psicologia evolucionista. O casal conseguiu arrebanhar Steven Pinker, que é neurocientista cognitivo, para o rebanho darwinista. Ele escreveu *Como a Mente Funciona*, onde ensina (pág. 227): “Assim que compreendermos que nossa mente foi engendrada para perpetuar os genes de nossos ancestrais, podemos chegar a noções semelhantes sobre nossos pensamentos, emoções e compulsões”. Salientou a capacidade masculina de agressão, tentou dar um cunho científico à psicologia evolucionista e outros reforços à psicologia evolucionista/darwinista.

Outro darwinista de renome foi N. Chomsky, pioneiro da abordagem genética e modular da mente, principalmente da linguagem, teoria adotada pelos evolucionistas. Fez uma revolução no estudo da linguagem, afirmando que a sintaxe gramatical (capacidade de construir frases com sujeito, verbo e objeto) é inata, embora tenha que ser desenvolvida: não só inata e nem totalmente aprendida. Falando da teoria da evolução que afirma existir uma explicação naturalista para todas as coisas, diz que resta a dificuldade de descobrir qual é a explicação naturalista correta: “a teoria evolucionista pretende explicar coisas demais”, problema que também afligiu os sociobiologistas, na década de 70.

Edward O. Wilson, proponente da sociobiologia, procurou mostrar que o comportamento humano é restringido pelos mesmos princípios evolutivos que determinam o comportamento das formigas e dos babuínos. Acusaram-no de ressuscitar o darwinismo social, a ideologia que procura justificar o racismo e o imperialismo, elevando a sobrevivência dos mais aptos a um princípio moral justificador.

Apesar das divergências existentes entre os sociobiologistas e psicólogos evolucionistas, não há como negar que estão assentados no mesmo alicerce teórico (o darwinismo). Um tema abordado pelas duas teorias é o altruísmo. O biólogo britânico, Willian Hamilton afirmou que a seleção natural favorecerá a emergência do

comportamento altruísta se ele aumentar as perspectivas reprodutivas dos parentes do organismo, segundo estudos feitos com formigas, cupins etc... Já Rogers Trivers falava de altruísmo recíproco (cooperação) que é o altruísmo em relação aos desaparentados, favorecido pela seleção natural, que se tornou um princípio básico da seleção natural. Nesta mesma linha, Leda Cosmides procurou mostrar que a seleção natural poderia ter legado aos seres humanos um instinto para detectar “trapaceiros”. Estudam o instinto sexual, o mais instintivo da natureza humana e se perguntam o quanto de instintivo e de racional ele tem. Exemplificam com o caso do risco de gravidez daí ser absolutamente racional que as mulheres sejam mais prudentes com relação ao sexo casual que os homens.

Num subtítulo intitulado *A Síndrome do Mau Pai*, o autor cita que o ponto mais fraco da psicologia evolucionista é quando ela tenta explicar casos incomuns como é o assassinato de filhos pelo pai. Para os darwinistas, a procriação é condição *sine qua non* da vida, daí ser o filicídio um ato perverso, tanto quanto o infanticídio praticado pela mãe. Steven Rose, sociólogo britânico, lamenta que tantas especulações infundadas e asserções dogmáticas tenham sido feitas em nome de Darwin.

Para enfrentá-los, e fugir da má reputação de deterministas genéticos, alguns neo-darwinistas se tornaram também culturalistas. Pode-se citar o antropólogo Napoleón Chagnon que pesquisou os ianomâmis, rejeitando o “gene da guerra”: eles são agressivos não porque sejam geneticamente violentos, mas porque o comportamento violento é altamente valorizado em sua cultura. Cita novamente Cosmides e Tooby quando estes afirmam que os genes fundamentam nossas características comuns; e o meio, nossas diferenças. O autor diz que o inverso também pode ser verdade.

Outro assunto tratado foi o lance da ordem do nascimento: o número de ordem de nascimento de uma criança em relação aos irmãos, pode originar diferenças acentuadas e permanentes na personalidade. Frank Sulloway em seu livro *Nascido para Rebelar-se, traduzido como - Vocação: Rebelde*, publicado em 1996, diz que os primogênitos serão conservadores e os outros serão rebeldes. Desde a ótica darwinista, é absolutamente impossível que os efeitos da ordem de nascimento não existam, porque os irmãos precisam competir pelos recursos e afetos paternos e vice-versa, situação em que o primogênito leva vantagens. Vários outros estudos corroboraram tal tese. Mas sobre ele, Stephen Jay Gould, crítico ferrenho dos evolucionistas, disse: “uma obra nem tão darwinista porque, afinal de contas, dá tanta ênfase à criação/educação quanto à evolução biológica na formação da personalidade”.

Opositores de Sulloway criticaram principalmente seu método: avaliação de biografias de personagens históricos dos últimos 500 anos, com dados fornecidos por pais e irmãos (confiáveis?) dos mesmos. Outra crítica, feita por Steven Pinker, era que a teoria acima era muito freudiana. Freud, como Sulloway, pressupõe que “o modo como interagimos com nossa família na infância (complexo de Édipo e de Electra) determina como interagimos com o mundo exterior no futuro”. O autor cita que os psicólogos evolucionistas têm mais em comum com os freudianos do que se dispõem a admitir. Encerra o capítulo questionando: porque, se a psicologia evolucionista é tão bem fundamentada, seus principais teóricos gastam tanta energia louvando seus encantos? E porque ela é um espinho atravessado na garganta dos fundamentalistas religiosos? Outros a combatem dizendo dela que: o darwinismo não pode nos dizer por que a vida surgiu ou por que, depois de ter surgido, seguiu esta trajetória. Para terminar, lembra uma citação de Jerry Fodor, cientista cognitivo: “uma psicologia que não tenha abordado o dilema da integração, mal decolou”, para dizer que tanto os

neurocientistas quanto os psicólogos evolucionistas ainda estão se deparando com o dilema de: conseguir desmontar a mente, mas não ter idéia de como tornar a montá-la.

Capítulo 7: Bom senso artificial

Pelos idos de 1980, os visionários da Inteligência Artificial (IA, viam as máquinas inteligentes como a próxima etapa na evolução da vida consciente, deixando para trás os seres humanos. Hayes-Roth, vice-presidente da Teknowledge afirmava que: quando a especialização automatizada sobrepujasse a humana, os especialistas perderiam prestígio cultural; empatia e intuição, que são mais difíceis de automatizar, teriam seu valor aumentado. O mesmo autor, passados 14 anos, afirmou que os pioneiros da IA subestimaram quanto seria difícil imitar a cognição humana em toda sua complexidade. O tipo de reducionismo que funciona na física ou na biologia molecular não é aplicável quando se trata da mente humana. Herbert Simon, um dos fundadores da IA e da ciência cognitiva, afirma que os especialistas da IA conseguiram um grande progresso na simulação da habilidade humana para formar e manipular representações simbólicas do mundo; a parte difícil era simular como ocorre a interface com o meio não só o output (a informação processada) da mente humana mas, também, seus processos internos. Já em 1957 ele afirmava que a inteligência artificial ajudará o homem a seguir o antigo conselho: conhece-te a ti mesmo. Em 1998, Simon afirmou numa entrevista que estava feliz com o cumprimento de suas profecias

Uma de suas previsões para 1967, de que um computador seria campeão mundial de Xadrez, só se realizou em 1997, quando o Deep Blue, um computador da IBM derrotou o campeão Kasparov. Murray Campbell, da própria equipe do Deep Blue, afirmou rispidamente: “só porque um computador pode jogar xadrez isso não quer dizer que ele pode pensar” ante um comentário de Simon de que o Deep Blue podia pensar.

A mais significativa das profecias feitas por Simon e que se concretizou, foi a de que programas de computador desempenhariam um papel importante na psicologia o que foi comprovado com o aparecimento da ciência cognitiva, e o aparecimento de modelos computacionais que se dividiam em: algoritmos baseados em regras e “redes neurais (conexões de neurônios)”. Os estudiosos preferem mais as redes neurais que se assemelham mais ao cérebro humano. No entanto, o filósofo Hubert Dreyfus duvida que ambos possam conduzir a máquinas inteligentes porque, segundo ele, reduzir uma tarefa cognitiva a um procedimento com base em regras é, na prática, de uma dificuldade extraordinária. Afirma, ainda, Dreyfus que ambas as categorias (regras e redes neurais) se deparam com um problema antigo da IA: a incapacidade do bom senso. Enfim, conclui: “não houve progresso na compreensão da mente (pg. 275)”.

Douglas Lenat, da equipe do HAL, s Lagacy, chegou à mesma conclusão com sua equipe: “há a necessidade de todos os nossos programas terem a mesma abrangência e profundidade de conhecimentos ligados ao bom senso que as pessoas possuem”. Tentou criar um programa de computador com tais características, chamado Cyc. Ele só não teria sentimentos. Aíí, claro, investe contra a inteligência emocional. O objetivo de Lenat com o Cyc é torná-lo suficientemente inteligente para adquirir conhecimentos por conta própria. Mas o criador vive postergando a data em que Cyc alcançará tal capacidade. Dreyfus dispara: “o que Lenat conseguiu foi fazer um CD que contém uma enciclopédia de bom senso”; outro pesquisador de AI Rodney Brooks reforça: “aquele dicionário é tudo o que ele tem: mas não é assim que as pessoas funcionam”. Construiu um robô humanóide para testar suas hipóteses mas, depois, lamentou: “As coisas que construímos não chegam nem perto de funcionar tão bem quanto os sistemas biológicos”.

Nesta busca desesperada dos adeptos da IA, surgiu a contribuição de Marvin Minsky, co-fundador do Laboratório de Inteligência Artificial do MIT e construtor de uma das primeiras redes neurais, que depois passou a questionar a abordagem lógica e baseada em regras da IA, afirmando que o sucesso da mente é o fato de ela empregar muitas estratégias diferentes para resolver problemas sugerindo que talvez a psicanálise pudesse ser a solução pois Freud reconheceu que a mente possui muitas partes e níveis. Compartilhava também com Freud a crença no valor terapêutico da introspecção. Acreditava que se as pessoas tiverem noções sobre o modo como elas funcionam, poderão mudar a si mesmas. As duas abordagens, no entanto, subvertem as noções convencionais de livre-arbítrio e de self: a psicanálise enfatizando e tratando de reduzir o papel dos processos inconscientes e a IA reduzindo a cognição à computação. A mais profunda questão suscitada pela IA é se as máquinas são capazes, como nós, de pensar e sentir. Segundo o autor, a psicologia evolutiva pode lançar luzes sobre este fenômeno, no entanto, fecha o capítulo dizendo que, esta questão é apenas um componente do debate mais amplo sobre a consciência. Escreve que “cientistas da mente e filósofos não conseguem nem ao menos concordar sobre o que é consciência, quanto mais sobre como ela deve ser explicada” (pág. 294).

Capítulo 8: O enigma da Consciência

Propõe pôr em contato cada pessoa que descobriu a *chave de tudo*, com todas as outras que encontraram uma *chave diferente* para juntos buscarem a **chave** que funcionasse melhor. Refere-se a algo parecido que teve oportunidade de observar em 1994, na Universidade do Arizona, denominado “Primeira conferência científica interdisciplinar sobre consciência nos EEUU”. Segundo ele, toda chave concebível para a consciência tinha adeptos lá. Nomes como Karl Pribram (da mente como holografia); Danah Zohar, físico do MIT, aluno de Erick Erickson e autor do livro “*The Quantum Self*”; Cristofh Koch que, juntamente com Francis Crick (co-descobridor da hélice dupla em que se organiza o DNA) deram um grito em 1990, contra entender o fenômeno mental tratando o cérebro como uma caixa-preta. Para eles, isto só seria possível examinando os neurônios e as interações entre eles. Fica, no entanto, a pergunta: que mecanismos transformam o disparo de neurônios em numerosas regiões do cérebro em uma percepção unificada? Para Kock, continua sendo um problema de conexão.

Quem contraria Kock, é Walter Freeman, que defende um modelo mais complexo de perceptividade baseado na teoria do caos. Flanagan, no entanto, o rebate dizendo que pode haver tantos modos de consciência quantos sejam os modos de memória e percepção. Diz que um pleno entendimento da consciência emergiria de um processo de triangulação: relatos da experiência subjetiva de cada um, juntamente com dados fornecidos pela psicologia e pela neurociência.

Lá estava o físico inglês Roger Penrose e sua fundamentação quântica para a consciência. Declarou que os talentos da mente humana só poderão ser explicados por uma teoria física ainda não descoberta que incorpore a mecânica quântica e a teoria da relatividade. Escreveu “*A Mente Nova do Rei*” onde aventa que a não localização quântica poderia ser a solução para o problema da ligação/conexão. Hameroff, organizador do evento, endossou a tese quântica de Penrose e, em sua palestra sobre consciência quântica, usou e reforçou os termos: fractais, auto-organização, dinâmico etc... No entanto, a tese foi rejeitada por David Chalmers que defendia a teoria da informação e que afirmava: qualquer objeto que processe informação tem de ter alguma experiência consciente. Daí a consequência clara é: quase tudo no mundo, em certo sentido, poderia ser consciente. Kock, citado acima, afirma que a consciência é

simplesmente ter sensações ou perceptividade, e é um fenômeno que provavelmente ocorre não só nos humanos, mas quase com certeza também em muitos animais superiores. Esta abordagem neural da consciência poderá vir a ser validada por experimentos com seres humanos e animais. Pode-se pensar, inclusive, que existem muitos tipos de consciência, cada qual emergindo de diferentes processos neurais. Discute também a questão do livre arbítrio. O próprio Crick, parceiro de Kock, aventou que o livre-arbítrio pode ser uma ilusão criada pelo nosso auto-conhecimento imperfeito. Cada ato supostamente livre é a culminância de uma seqüência infinita de causas próximas e distantes no tempo.

Outra linha para explicar a consciência e o livre arbítrio é o misterianismo, defendido por Chomsky. Ele deu a entender em vários de seus textos que considera mistérios a consciência, o livre-arbítrio e outros aspectos da mente, hipótese esta corroborada por Steven Pinker, psicólogo evolucionista.

Para o filósofo Daniel Dennet, a ciência explicou a vida; ela não tem mistérios apesar de, nas palavras do autor, a vida permanecer profundamente misteriosa, mesmo quando explicada pela biologia evolucionista, pela genética mendeliana ou pela biologia molecular.

Busca também explicações místicas para explicar a consciência, como é o caso do guru Andrew Weil que, segundo o autor, narrou experiências místicas bizarras como estar “um na consciência do outro”, após a ingestão de drogas. Neste bloco também está William James que fala de formas potenciais de consciência inteiramente diferentes. Escreveu *A Variedade das Experiências Religiosas* onde reconhece o valor das experiências místicas principalmente em pessoas que sofrem de alguma neuropatologia. Ao encerrar o capítulo, cita a história de Brian Josephson, um físico de renome que se bandeou para o misticismo após sofrer de crises alucinatórias. Propunha fazer a junção da física com a espiritualidade. Em seus artigos e conferências, repreende a comunidade científica por recusar-se a levar em consideração os fenômenos psíquicos. Ele acreditava, por experiência própria, que a meditação poderia ajudar os cientistas a aumentar suas habilidades e intuições.

No epílogo, aponta insatisfações com a neurociência, com as adaptações esculpidas pela seleção natural, com as neuroses sexuais e com a física, criticando seus reais benefícios quando se trata de explicar a mente. São todas explicações reducionistas e se existe algum aspecto, na natureza, que mostrou ser mais que a soma das partes, é a natureza humana. Critica a crença de alguns estudiosos da mente que profetizam o surgimento de um gênio que verá padrões e soluções que escaparam a seus predecessores. No entanto, para o autor, os gênios científicos de nossa era têm menos a descobrir que seus predecessores. Hoje em dia, quem tencionasse construir uma teoria unificada da mente, teria que levar em consideração um número astronômico de descobertas, nem sempre harmônicas. Quando se trata de cérebro humano pode não haver uma idéia unificadora que venha transformar todo esse caos em um conjunto teórico ordenado.

Já no final da obra o autor apela para a fé: acredita que com ela, com um esforço sustentado e financiamento, os otimistas conseguirão desvendar todos os mistérios da mente. Afirma que existe algo de nobre e, até, de sublime na fé que impele os cientistas a prosseguir mesmo depois de repetidos fracassos. Cita Howard Gardner e Oliver Sacks que, entre outros, recomendaram que a ciência da mente seja vista como um empreendimento quase literário e não estritamente científico.

Conclui descartando a idéia de que os estados alterados de consciência, provocados por drogas ou outras substâncias modificadoras da mente fossem a

solução e afirma que espera por uma epifania (revelação) que nos ajude a compreender tudo.

3. Processamento, análise. Crítica do Resenhista.

3.1. Método de exposição: Bastante lógico (cérebro esquerdo), utilizando-se muito de analogias como no exemplo: o Id freudiano e os genes egoístas de Darwin e o conceito de família como um caldeirão de conflitos. Usa argumentos de uma teoria para encostar outras na parede, questionando a todas de forma implacável, com espírito crítico e ironia desconcertante. O cérebro direito é utilizado apenas para fazer futuras previsões sobre as teorias da mente e o cérebro central aparece quando visita laboratórios, clínicas, hospitais psiquiátricos e compara métodos e técnicas das diversas abordagens.

3.2. Paradigmas: Em sua obra anterior (*O Fim da Ciência*) refutava o paradigma cartesiano. Aqui retoma e aprofunda tais críticas, quando se trata de decifrar o enigma da mente humana, incluindo na sua crítica as concepções mais superadoras como a visão sistêmica, quântica e as concepções místico-esotéricas, sem chegar a suspeitar da abordagem triádica.

Trabalha a Dinâmica de Potencialidades quando envereda pelas teorias evolucionistas, sociobiológicas e genéticas mostrando-se muito inclinado para as teses darwinianas. A Dinâmica Noônica (mental) e Individual é o grande mote do livro com a esperança de que consigamos explicar as propriedades da mente assim como tentativas de medicar e tratar de problemas de saúde mental. Em Dinâmica Prestusuária/econômica: após o Deep Blue, um computador da IBM derrotar um campeão de xadrez, o autor passa a se interessar pela proposta da Inteligência Artificial, trabalhando a idéia de um de seus propositores que a tecnologia poderia ajudar o homem a buscar o “conhece-te a ti mesmo”. Discute bastante os modelos computacionais e a ciência cognitiva, acreditando numa possível parceria entre a maquinidade e a humanidade, nas palavras de De Gregori. Mostra a decadência das psicoterapias individuais e, principalmente, da psicanálise nos EE.UU. que é um país de mentalidade materialista (anti-psiquismo) e de solução mecânica e pilulista para tudo: a medicina empresarial e os laboratórios prometem a felicidade neuroquímica para os pacientes. Na Dinâmica de Grupo, faz-lhe falta a visão triádica, declarando-se muito assustado com a competição entre as várias teorias. Mostra-se monádico em várias situações (pág.49 e 21). Na Dinâmica Universal, assegura que a crença e a fé das pessoas (tanto terapeutas como pacientes) em determinada terapia, pode fazê-la funcionar. Ao final da obra propõe fazer a junção da física (Dinâmica de potencialidades) com a espiritualidade que é Dinâmica Universal, tentativa proposta anteriormente por Fritjoff Capra – não citado no livro.

3.3. Crítica à Linguagem e ao Estilo. O tema é instigante e altamente provocativo. O conteúdo é bastante denso, com entrevistas muito inteligentes e questionadoras e dados da realidade atualizados com citação de “n” pesquisas. Passeia dos cenários americanos aos europeus, principalmente a Inglaterra. Dá um show no que se refere a personagens, citando inúmeros estudiosos desde Freud e a psicanálise, até os atualíssimos Howard Gardner das inteligências múltiplas, J. LeDoux da inteligência emocional, Oliver Sacks, Stephen Jay Gould e Steven Pinker. Para sua leitura, requer-se um pouco de linguagem técnica da área da saúde mental e do método científico, ou seja, linguagem de jornalismo científico. O estilo é irônico, fazendo uma crítica cortante e refinada. A obra é bem traduzida.

4. Diagnóstico

4.1. Crítica do resenhista quanto aos assuntos tratados:

O livro é muito ambicioso e abrangente, uma portentosa abordagem. O livro não é uma nova síntese, mas, como ele explicita no último capítulo, é um relato geral de teorias e métodos mentais, um vasto acúmulo de dados à espera de uma Epifania (alguma revelação miraculosa, unificadora, simplificadora) que nos redima e redirecione a todos. É um livro didático. Apresentar, descrever e criticar as propostas existentes é um bom trabalho de colecionador; mas é preciso conectá-las, costurá-las e situá-las num contexto de proporcionalidade para refundi-las num novo paradigma de reconstrução da pessoa, um trabalho de epistemólogo e sintetizador. Algo disso pode ser observado examinando paradigma tri-cérebro-grupal (ver *Psicologia da Ensinoagem* e www.neuropedagogia.com.br) é uma proposta que ajuda cada indivíduo a tornar-se “cidadão de si mesmo”, ajuda cada grupo a tornar-se “cidadão co-proprietário e co-gestor do seu meio” e ajuda todos a lutarem por uma sociedade “com dinheiro para todos”.

4.2. Temas omitidos:

É de notar que não mencionou Paul MacLean e sua teoria de cérebro tri-uno, nem Alexander Luria e sua teoria dos três processos mentais. Bill Gates que criou as mais espetaculares ampliações da mente também foi omitido. Sua abordagem do misticismo, placebos e estados mentais alterados é muito pobre, depois dos estudos de Rhine sobre parapsicologia e de sua popularização por José Silva com seus cursos de Controle da Mente. De autores latino-americanos, como Mauro Torres, Wilson L. Sanvito, nem pensar, mas cita por duas vezes o colombiano Rodolfo Llinás porque trabalha na NASA e publica em inglês.

Como uma obra eminentemente de cérebro esquerdo, dá menos ênfase aos temas do cérebro central (laborterapia, terapias corporais etc.), a não ser quando fala das terapias de base físico-químicas, eletrochoques e também as teorias da Inteligência Artificial (computadores e robôs). Das teorias quânticas, nenhuma menção a Fritjoff Capra. Qualifica, inclusive, de “termos pernósticos” as palavras: *emergente, fractal, auto-organizador e dinâmico*. Das teorias de hemisferização, cita muito rapidamente Roger Sperry (diádico). Faltou, também, alguma alusão a Ramachandran, neurologista e neurocientista indiano, diretor do Centro do Cérebro e da Cognição da UCL, em San Diego. que publicou um instigante livro “Fantasmas do Cérebro”, prefaciado por Oliver Sacks, em 1998. Por que não Deepak Chopra?

5. Futurição ou previsão do destino da obra:

O livro é pobre no que diz respeito a propostas, mesmo porque ele é jornalista de divulgação científica e não um pesquisador na área. Mas é um excelente livro de atualização sobre o assunto “cérebro” e suas funções, que está atraindo cada vez mais atenção. É uma base de dados e servirá para a busca de novas propostas ou de um novo paradigma de cérebro e saúde mental que, para a Tri-uni Proporcional, está delineado no conceito tri-cérebro-grupal (veja www.globaltriunity.net).

6. Decisão de uso e recomendações a possíveis leitores:

É o melhor que se pode recomendar aos profissionais do tricerebrar de seres humanos, como psicólogos, psiquiatras, pais, educadores, especialistas em Recursos Humanos e outros estudiosos do enigma homem. Claro que é preciso fazer uma ressalva quanto a ser um livro ambientado quase que exclusivamente no mundo anglo-saxão e seus métodos de pesquisa em saúde.

7. Citações:

“Os freudianos não podem exibir provas inequívocas da superioridade de seu paradigma, mas os proponentes de paradigmas mais modernos também não” (pág. 16).

“Como o cérebro coordena e integra o funcionamento de suas partes altamente especializadas, para criar a aparente unidade de percepção e pensamento que constitui a mente” (pág. 34).

“Os problemas nunca se esgotam; só os cientistas” (Ramon y Cajal).

“Entender como o cérebro funciona e como as coisas não dão certo é a tarefa mais difícil que a humanidade já se propôs” (Steven Hyman, psiquiatra biológico, pág. 91).

“Se me perguntarem quais são as verdades permanentes que a psicologia reuniu nestes últimos cem anos, direi que não são muitas” (Howard Gardner, pág. 95).

“Outrora pensávamos que nosso destino estava nos astros. Hoje sabemos, em boa medida, que nosso destino está nos genes” (James Watson, co-descobridor da hélice dupla, pág.182).

Brasília, maio de 2005